

Brasil amplia atenção nas fronteiras com a Venezuela e a Guiana

RELAÇÕES EXTERIORES

Brasil atento com a tensão nas fronteiras

Ministro da Defesa, José Múcio Monteiro se reúne com o presidente Lula e diz que país não pode ser "instrumento de um incidente diplomático". Segundo ele, preocupação é reforçar a presença nas áreas próximas à Venezuela e à Guiana

• VINICIUS DORIA

Marcus fernandes/REDA Press



José Múcio: "Nossa missão é cuidar de todas as fronteiras. Agora, a tensão está na fronteira norte, e é lá que estão as nossas atenções"

G20: cidades que sediarão evento

O governo divulgou, ontem, as cidades que sediarão as reuniões do grupo das 20 maiores economias do globo (G20), a partir da semana que vem, no Brasil. Brasília e Rio concentrarão o maior número de encontros do evento, que ocorrerá nas cinco regiões do país. Alguns municípios tentaram, nos últimos dias, fazer parte para ampliar a participação no G20, como Curitiba e São Paulo, mas a capital do Mato Grosso ficou fora, de acordo com o cronograma apresentado agora, e a paulista contará apenas com quatro reuniões. Brasília está a cargo de preparar 35 reuniões, sendo a única representante do Centro-Oeste. Em seguida, vem o Rio de Janeiro, com previsão de 22 encontros, incluindo a cúpula de líderes e a reunião de representantes da sociedade, em novembro de 2024. Ainda no Sudeste, estão previstos encontros em Belo Horizonte e São Paulo. No Nordeste, estão previstos encontros em Fortaleza, Salvador, Maceió, São Luís e Teresina. Na Região Sul, em Porto Alegre e Foz de Iguaçu. Manaus e Belém serão as representantes do Norte.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva demonstrou preocupação com as fronteiras do país com a Venezuela e a Guiana na conversa que teve, ontem, com o ministro da Defesa, José Múcio Monteiro, no Palácio da Alvorada. Neste momento de tensão entre os dois vizinhos do Norte — o presidente venezuelano, Nicolás Maduro, ameaça tomar a região de Essequibo, que corresponde a mais da metade do território do guianês —, a orientação do Palácio do Planalto para as Forças Armadas é cuidar dos acessos ao território brasileiro. "Estamos atentos para que não sejam instrumento de um incidente diplomático", declarou José Múcio a jornalistas que o aguardavam na saída do ministério, antes de se reunir com Lula. Depois da reunião no Alvorada, o ministro disse ao Correio que a conversa com o presidente foi "muito boa". Além da crise na fronteira, Lula e José Múcio falaram sobre investimentos nas Forças Armadas, que precisam de complemento no Orçamento da União para 2024 — assunto em discussão no Congresso.

"Nossa missão é cuidar de todas as fronteiras, do Rio Grande do Sul à Roraima. Agora, a tensão está na fronteira norte, e é lá que estão as nossas atenções", frisou o ministro. Segundo ele, o presidente acompanha com atenção a crise dos vizinhos. "Quem está à frente disso é a diplomacia, nós (da Defesa) estamos preocupados em reforçar nossa presença (na fronteira)".

Aproximadamente 600 militares divididos em três esquadrões, foi efetivado neste mês como resposta natural à atual conjuntura geopolítica da fronteira norte, em referência à crise entre Venezuela e Guiana.

Acidente

Um caminhão que transportava material de manutenção do Exército tombou e explodiu na BR-401, entre Boa Vista e Bonfim (na fronteira com a Guiana), deixando dois militares feridos, na quinta-feira. O Corpo de Bombeiros de Roraima foi acionado por volta das 15h para atender à ocorrência. A corporação enviou um caminhão de combate a incêndio e uma equipe de salvamento, resgate e comandante de operações para o local. Uma densa coluna de fumaça surpreendeu os motoristas que trafegavam pela rodovia. Os feridos receberam atendimento médico em Boa Vista e passam bem, segundo informou a 1ª Brigada de Infantaria de Selva. O Exército ainda não sabe o que provocou o acidente.

Como primeiro reforço, 16 veículos blindados Guaicurus estão sendo deslocados de unidades do Sul e do Centro-Oeste para Boa Vista e Bonfim, na fronteira venezuelana, e mais uma dezena deve ser enviada nos próximos dias. Os blindados podem transportar munições e mísseis, "torcendo poder de fogo em missões de reconhecimento", segundo informou o Exército. O reforço militar na fronteira norte é preventivo, para o caso de acirramento das tensões. A maior preocupação é com a possibilidade de um conflito militar provocar movimentação de populações que vivem na região conflituosa e áreas vizinhas, pressionando os postos de fronteira em Roraima. Oficiais do alto escalão das Forças Armadas, ouvindo pela reportagem sob a condição de anonimato, trabalham com a hipótese de Maduro delatar algum tipo de ação militar em Essequibo — cuja dimensão ainda não é possível prever — para dar satisfação ao eleitorado

venezuelano, após referendo que aprovou a anexação do território em disputa com a Guiana. Corroborando a preocupação do ministro José Múcio, os estrategistas militares diagnosticaram que, independentemente do cenário, o Brasil deve reforçar a segurança nas duas fronteiras, porque o efetivo atual é considerado baixo diante da dimensão que a crise pode tomar. Pressão sul-americana Na quinta-feira, Colômbia, Chile, Equador e Peru se juntaram aos quatro países-membros do Mercosul (Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai) e assinaram um comunicado para manifestar a "profunda preocupação com a elevação das tensões" entre a Venezuela e a Guiana. O país governado por Nicolás Maduro está suspenso do bloco por descumprimento de cláusulas democráticas. Os

presidentes dos oito países deixaram clara a posição de que "a América Latina deve ser um território de paz, no presente caso, trabalhar com todas as ferramentas de sua longa tradição de diálogo". Aos líderes dos dois países em conflito, a nota alerta que "ações unilaterais devem ser evitadas, pois adicionam tensão" e apela para que haja "diálogo" e "busca de uma solução pacífica da controvérsia, a fim de evitar ações e iniciativas unilaterais que possam agravá-la". No encerramento da Cúpula de Chefes de Estado do Mercosul, no Rio de Janeiro, Lula declarou que o Brasil está à disposição, se houver acenos da Venezuela e da Guiana, para mediar uma saída negociada e pacífica para a disputa. "Uma coisa que nós não queremos na América do Sul é guerra. Não precisamos de conflitos", afirmou, na ocasião. (Colaboração Renato Souza)

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Política Pagina: 2